



Volume 29 - Ano X - Setembro/Dezembro de 2017

ISBN 1983-2850



# Visões da Morte



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Ensino Superior

**FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA**

Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

**ANPUH**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

⇒ A *Revista Brasileira de História das Religiões*, criada no ano de 2008, sediada no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, é um periódico vinculado ao GT de História das Religiões e das Religiosidades (GTHRR) da Associação Nacional de História (ANPUH), voltado especificamente para os estudos em religiões e religiosidades. Sua estrutura contempla artigos científicos e de atualização teórico-metodológica, chamatas temáticas e resenhas, além de, eventualmente, entrevistas.

Imagem de Capa: Egbert van Panderen (1580-1617). *Servitus Carnis* (1620). Disponível em: <https://br.pinterest.com/>

Arte: Gizele Zanotto

#### **EDITORES RESPONSÁVEIS**

Solange Ramos Andrade, Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Renata Agnieszka Siuda-Ambroziak, University of Warsaw/Universidade de Varsóvia, Polônia  
Gizele Zanotto, Universidade de Passo Fundo (UPF)  
Vanda Fortuna Serafim, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

#### **REVISOR DE TEXTOS**

Gizele Zanotto, Universidade de Passo Fundo (UPF)  
Solange Ramos Andrade, Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Vanda Fortuna Serafim, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

#### **NORMALIZADOR/DIAGRAMADOR**

Gizele Zanotto, Universidade de Passo Fundo (UPF)

## COMISSÃO EDITORIAL INTERNACIONAL

- Claudia Touris, UBA-UNLu, Argentina  
Gineth Andrea A.Satizabal, CONICET, Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina  
Ignacio Telesca, CONICET, Universidad Nacional de Formosa, Argentina  
Jacques Leenhardt, École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris  
Doutor José Eduardo Franco, Universidade de Lisboa, Portugal  
José Zanca, CONICET, Argentina  
Lelio Lelio Nicolás Guigou, Universidad de la República. UDELAR, Uruguai  
Marcos Fernandez Labbé, Departamento de Historia, Universidad Alberto Hurtado, Chile  
Dr. Pablo Wright, Universidad de Buenos Aires-CONICET, Argentina  
Patricia Fogelman, CONICET-UBA - UNLu, Argentina  
Renata Agnieszka Siuda-Ambroziak, University of Warsaw/Universidade de Varsóvia, Polónia  
Roberto Di Stefano, Universidad Nacional de La Pampa/CONICET, Argentina

## COMISSÃO EDITORIAL NACIONAL

- Artur Cesar Isaia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Cândido Moreira Rodrigues, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUIABA)  
Edilece Souza Couto, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliane C. Deckmann Fleck, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  
Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fo. (USP)  
Fernando Torres-Londoño, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)  
Gizele Zanotto, Universidade de Passo Fundo (UPF)  
Jérri Roberto Marin, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)  
José J. Queiroz, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)  
Oscar Calavia Sáez, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Renato Amado Peixoto, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
Solange Ramos Andrade, Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Vanda Fortuna Serafim, Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Vitale Joanoni Neto, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)  
Zeny Rosendahl, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Waldecy Tenório, Universidade de São Paulo (USP)



## *Apresentação: Visões da Morte*

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.38980>

A chamada temática *Visões da Morte* apresenta um conjunto de artigos, com diversas abordagens temáticas e teórico-metodológicas, demonstrando a dinâmica das possibilidades de problematizações possíveis da morte na perspectiva histórica. Espaços dos mortos, ritos fúnebres, enfermidades e morte, luto e pesar, cemitérios, morte simbólica de dadas identidades são algumas das entradas temáticas dos textos que formam o presente volume.

Mortes físicas e simbólicas estão e estiveram presentes em distintas situações e condições sociais, como aquelas que mobilizam o interesse dos estudos dos artigos aqui apresentados. O tema morte é geralmente acionado pelos historiadores ao se realizar questionamentos sobre aspectos diversos das sociedades, isto é, as problemáticas de pesquisa acabam vinculando experiências de morte ou morrer com outras instâncias de vida social em universos culturais específicos. São variadas as compreensões das formas de morrer e de expressar a morte, de tal modo que esse tema, analisado historicamente, implica em considerar as mudanças vivenciadas pelos sujeitos em dado espaço e temporalidade, considerando ainda os elementos culturais e políticos que os constituem.

Nesta edição, a morte é percebida nas vivências das associações religiosas, nos (evidentes) locais de sepultamento, nas experiências sociais de sujeitos religiosos, nas diferentes expressões rituais, nos cuidados com enfermos, no tratamento do corpo morto, nos espaços dos mortos, na expressão escrita e literária, no cemitério como manifestação educativa e turística, nas identidades que (re)nascem e morrem, na morte social simbólica. A chamada temática traz um pouco destas variadas possibilidades de interpretações da morte através de análises de práticas religiosas, sociais e políticas e de manifestações de crenças e outras sensibilidades em torno da morte e do morrer. Atentos aos contextos em que se expressavam estas relações com a morte, os artigos reunidos abordam distintos espaços e expressões culturais, que vão do final do século XVII ao tempo presente.

Entendidos como “temas do sofrimento”, conforme Arlette Farge, os debates em torno da morte, na perspectiva histórica, percebem que “cada época, cada cultura, cada classe social ou grupo sexual tem palavras para clamar o escândalo, para dizer seu medo, para abafar sua mágoa”, considerando que sentimentos de “dor” e “pavor” podem ser expressos de diferentes formas, quer haja “familiaridade” com a morte ou não. A depender do contexto, a morte pode assumir diferentes sentidos, mas Farge questiona se “a morte é menos apavorante, menos escandalosa, menos triste por ser visível, presente, ritualizada”. Os sentimentos diante da morte ganham “formas, palavras, modos de expressão que têm implicações sociais e políticas e que pertencem plenamente à história”.<sup>1</sup> Portanto, as diferentes visões e interpretações da morte implicam dadas práticas, ritos e crenças que precisam ser entendidas na sua historicidade.

Basicamente, é da morte ocidental e cristã-católica de que tratam os artigos aqui reunidos, vinculados a crenças e compreensões de ritos fúnebres, de espaços de sepultamento e de condições pós-morte da alma, seja como configurador de vivências específicas, seja como conformador de identidades contemporâneas.

Iniciamos com o artigo de Juliana de Mello Moraes, que analisa os atendimentos fúnebres promovidos pelas Ordens Terceiras de São Francisco aos seus irmãos em trânsito pelo Império atlântico português durante o século XVIII. A historiadora demonstra como estas associações cresceram e acumularam rendas neste período, a ponto de ampliarem o oferecimento de sepultamentos e ritos fúnebres ideais aos irmãos, especialmente em São Paulo e em Braga.

Em seguida, o artigo de Ane Mecnas está focado num contexto específico, o espaço de atuação de missionários para conversão de indígenas Kiriri no sertão da América portuguesa. A autora analisa os discursos de capuchinhos e jesuítas entre o final do século XVII e início do XVIII a respeito da morte e das práticas rituais fúnebres, demonstrando tanto as percepções dos missionários sobre as práticas e crenças da “gentilidade” sobre as enfermidades, como os esforços para o ensino dos significados dos enterramentos e das possibilidades do estado da alma após a morte.

Na sequência, o artigo de Cláudia Rodrigues e Vitor Cabral analisa a dinâmica relação entre sepultamentos em espaço sagrado e a configuração das desigualdades sociais em uma paróquia rural do Rio de Janeiro, intitulada Santo Antônio de Jacutinga, no final do século XVIII e início do XIX. Os autores atentam para as hierarquias entre livres e libertos da freguesia, desejosos de sepultamento católico em espaços considerados mais (ou menos) sagrados, na desigual busca pela salvação da alma.

---

<sup>1</sup> FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 16.

O artigo de Vera Lúcia Caixeta apresenta as atitudes diante da morte de sertanejos no norte de Goiás da primeira metade do século XX, a partir das memórias do francês Frei Audrin expressas no livro “Os sertanejos que eu conheci”, escrito nos anos 1940. Segundo Caixeta, na narrativa de Audrin, o sertanejo desponta como aquele que rezava em comunidade e contava com a proteção dos santos de devoção para o socorro na hora da morte.

O texto de Douglas Atila Marcelino analisa a obra *Redescobrimo o Brasil: a festa na política*, de Marlyse Meyer e Maria Lucia Montes, que trata de uma interpretação dos funerais de Tancredo Neves. O historiador está interessado em analisar a representação do luto transformado em festa e sua relação com o imaginário político. A morte do presidente eleito, em meados dos anos 1980, marcaria a inauguração de um novo ciclo, no qual o povo redescobriria a si mesmo.

No artigo de Jenny González Muñoz, o foco está na relação entre cemitério (latino-americanos) e escola para a configuração de trabalhos de educação patrimonial que considerem aspectos memoriais e museais com vistas à conservação e preservação. Para a autora, processos educativos podem sensibilizar sujeitos a perceberem o cemitério como lugar de memória e identidade, importantes para a proteção dos bens culturais.

Nesta lógica de cemitério como evidência de memória e identidade, o artigo de Daniel Luciano Gevehr e Larissa Bitar Duarte aponta para a potencialidade de um cemitério específico da cidade de Jaguarão, extremo sul do Rio Grande do Sul, como referencial turístico. Para os autores, o turismo de necrópole pode dinamizar as interpretações sobre os cemitérios, entendendo-os como lugares de memória e de construção de determinadas características do passado daquela sociedade.

Concluimos a chamada temática com o artigo de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, que analisa a morte simbólica de pessoas transgêneras e ex-transgêneras na sociedade brasileira contemporânea a partir de suas narrativas, destacando a conversão e desconversão de corpo, sexo e gênero. O autor ainda aponta que os discursos de transfobia religiosa podem ser associados a violências como, por exemplo, o assassinato de travestis e sugere que o discurso de cura gay seja revertido em cura da homofobia, transfobia, travestifobia, lesbofobia, entre outros.

Termino esta apresentação com a esperança de que, sem temores e para *não temer*, os estudos históricos sobre a morte sejam prósperos e frutíferos no Brasil e que este volume seja inspirador aos leitores da Revista Brasileira de História das Religiões.

Mauro Dillmann  
Universidade Federal de Pelotas  
Agosto de 2017